

Senzalas ainda existentes na cidade de São Paulo

Nelson Di Francesco

Você acredita nisso? Parece incrível, mas existem. Remanescentes de um passado vergonhoso, componentes de um assunto ainda delicado: a escravidão, história que nos foi contada em “suaves pinceladas”, de uma forma superficial, repleta de erros e enganos.

As cores desse mosaico são mais fortes, mais quentes...

Não faz muito tempo, descobri fazendas existentes no histórico Vale do Paraíba, mais precisamente na cidade de Pindamonhangaba (SP), altiplanos da Serra da Mantiqueira.

Por lá, nos bairros Mombaça e Ribeirão, vi antigas fazendas que ainda conservam os espaços outrora destinados a abrigar os escravos, ou seja, as senzalas. Algumas estão preservadas, e nelas são realizadas pesquisas arqueológicas. É o caso do Sítio Arqueológico Fazenda São Sebastião do Ribeirão Grande, outrora propriedade da Viscondessa de Paraibuna, talvez a primeira fazenda do Vale do Paraíba a se dedicar ao plantio de café.

De alguma forma, fiquei triste, uma vez que meus antepassados maternos, tetravós e pentavós, nos séculos XVIII e XIX, foram chacareiros na região (principalmente nos bairros de Ribeirão e Bonsucesso), tiveram engenho para fabricação de aguardente, e sei que possuíram escravos — os maços da população (censos) guardados na Divisão de Arquivo do Estado atestam essa posse.

O Palacete Visconde da Palmeira, atualmente abrigando o Museu Histórico e Pedagógico D. Pedro I e D. Leopoldina, no centro de Pindamonhangaba, também preserva, no porão, o espaço outrora utilizado como senzala.

Outras cidades do interior paulista, marcadamente na região do Vale do Paraíba, onde o café foi a principal cultura de uma longa época, ainda possuem fazendas e senzalas, algumas abertas à visitação dos espaços históricos.

Entretanto, saber de locais aqui na cidade de São Paulo onde existiram senzalas parece ser no mínimo curioso. São locais que o tempo não levou, de alguma forma continuam vivos, envolvidos por uma bruma...

Acredito que os três mais importantes são:

- Sítio Morrinhos (Zona Norte da cidade);
- Casa da Fazenda do Morumbi (Zona Sul);
- Casarão de Marieta Teixeira de Carvalho (Zona Central).

Sítio Morrinhos

Localizado na Rua Santo Anselmo n. 102, no bairro Jardim São Bento, possui cerca de 5.000 m² e foi tombado em 1973 pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT).

Sede de antiga residência rural, construída em 1702, apresenta tipologia com as características da chamada arquitetura bandeirista, erguida com a técnica taipa de pilão. As construções anexas, no fundo da propriedade, são de alvenaria de tijolos do século XIX. Foram utilizadas antigamente como senzala, abrigo para animais e oficinas.

Resumidamente, podemos dizer que: no período 1817/1881, o imóvel pertenceu à família Baruel. Em 1902, toda a área foi levada à leilão e arrematada pela Associação Pedagógica Paulista, representante do Mosteiro de São

Bento. Em 1952, a área foi vendida e loteada para a formação do bairro Jardim São Bento. Contudo, a sede do Sítio foi doada à Prefeitura, que, com o passar dos anos, restaurou o imóvel, onde funciona hoje o Centro de Arqueologia de São Paulo, ligado ao Museu da Cidade e aberto à visitação pública.



Disponível em: <veja.sp.abril.com.br>.

Casa da Fazenda do Morumbi

Situada na Avenida Morumbi n. 5594, foi construída em 1813, pelo regente do Império, Padre Diogo Antonio Feijó. O imóvel foi presente de D. João VI ao inglês John Maxwell Rudge, grande produtor de chá. Depois dele, outras famílias tradicionais habitaram a casa (Diederichsen, Müller, Carioba).

A propriedade, com cerca de 8.000 m², pertence atualmente à Companhia Mineira de Seguros, que a cedeu em comodato por 20 anos, para ser usada como centro cultural. Saliente-se que já foi cenário de várias produções cinematográficas.

No casarão de dois andares, funciona a Academia Brasileira de Arte, Cultura e História, além de um restaurante instalado em seu interior e uma capela dedicada a Santa Luzia. Na frente da edificação, há uma senzala, construída de espessas paredes de pedra, com grades originais nas poucas janelas. O espaço, outrora dos escravos, hoje abriga um museu.



Disponível em: <ateliaduanacruz.blogspot.com/>.

Casarão de Marieta Teixeira de Carvalho

Rua Florêncio de Abreu n. 111. Este é o endereço do casarão construído em 1878 (apesar de constar 1884 na sua fachada — há controvérsias) como residência urbana. Possui dois pavimentos, porões e, naquela época, chamava a atenção pela beleza de suas linhas e pela robustez da edificação. Estamos falando de um dos primeiros imóveis construído em alvenaria de tijolos, sendo que as paredes do segundo piso foram feitas em taipa francesa.

Foi propriedade do coronel e senador Carlos Teixeira de Carvalho. Sua filha e herdeira, conhecida como Dona Marietinha, vendeu o imóvel ao Mosteiro de São Bento, vindo a falecer solteira no ano de 1975, com 92 anos.

O porão da secular propriedade possui uma senzala com abobadilha de tijolos, apoiados em perfis metálicos. Originalmente com um metro e meio de altura, foi preciso fazer escavações para aumentar esse tamanho, deixando o espaço em condições de abrigar exposições e receber visitantes, tão logo seja transformado em polo cultural.



Disponível em: <cultura.geraisibamaia.wordpress.com>.

Nelson Di Francesco
Pesquisador histórico

A gravura de Manuel Messias dos Santos (1945-2001)

Paulo Leonel Gomes Vergolino

Com muita satisfação, vemos que, gradativamente, o país está acordando para a importância de se considerar arte algo inclusivo e, antes de mais nada, açambarcar **todo** tipo de produção artística. Em tempos de Bienal e de arte ultra, pós-contemporânea, experimentamos como esse tipo de expressão pode ser vasto, mas nem sempre bem compreendido.

Críticas à parte e em meio a essa avalanche de artistas que nascem, produzem e morrem a todo momento, um em especial merece todo o nosso respeito e obrigatoriamente deve ser colocado no patamar que fez por merecer, como um dos grandes representantes da gravura moderna brasileira. Estamos aqui falando do sergipano, de Aracaju, Manuel Messias dos Santos (1945-2001).

Ora, não é novidade para nós, trabalhadores das artes, e para quem gosta dessa forma de expressão que, assim como tudo na vida, algumas coisas/artistas são valorizadas e outras nem tanto. Esse é o caso do gravador e pintor Manuel Messias. Poucas pessoas já se depararam com as fabulosas gravuras desse mestre. Porém, os que já as viram não conseguem se olvidar de sua produção.

O artista foi aluno de Abelardo Zalar (1924-1987) e de Ivan Serpa (1923-1973), artistas/gravadores de grande expressão e competência. O segundo obteve papel importantíssimo na vida e na obra de Messias, pois, apesar de falar apenas o suficiente, foi considerado pelo artista seu maior mentor e conselheiro, estando, por vezes, retratado em algumas de suas xilogravuras e sendo citado por escrito em outras, próximo a sua própria assinatura. Manuel é o típico caso de aluno que, depois do devido e necessário aprendizado, foi maturando a sua obra, com a certeza, mesmo que induzida, no caso por Serpa, de quem nasceu para a gravura. Criou um conjunto espantoso de obras de fato *avant-garde*, as quais ainda esperam o devido reconhecimento e valorização.

Existem algumas características em sua obra que não podem passar despercebidas, entre outras: há na xilogravura a necessidade de fazer uso de palavras e frases de impac-



Está consumado, 1995, assinada
Xilogravura, 10/15
129,5 x 60 cm — col. Monica e George Kornis

to; o uso da cor é, às vezes, parcimonioso, como no caso das xilogravuras da década de 1960, mas atingem com galhardia o ponto certo; a figura humana é reverenciada a todo momento, porém é inserida de forma dramática, esquemática, com olhos esbugalhados ou mesmo quase se fechando, mas sempre vivos, muito vivos e repletos de emoção.

Nos anos 1970, o que se vê são gravuras de constituição mais alongada, os planos passam a ser mais verticais e há cada vez mais a presença retumbante da cor; mantém-se o uso da forma humana, sempre muito livre de amarras, dramática, braços, bocas, mãos muito expressivas, que servem para conduzir o espectador a perceber aproximações do artista com mensagens de cunho religioso (católico), muito típicas do universo do mestre em questão.

O texto de Messias é muito peculiar, fazendo uso tanto do alfabeto compreensível como de um não compreensível, muitas vezes usado para ser a ponte ou mesmo o respiro necessário para manter o equilíbrio de toda a gravura. Na pintura, o artista não mostra a mesma liberdade. O conjunto é rugoso e a pintura parece esperar o talento visto em sua obra gráfica — Manuel Messias é essencialmente um artista gravador.

Seus trabalhos na década de 1980 mantêm as mesmas características, ou seja, o uso de palavras, figuras humanas e cor. Em algumas obras, o artista fortuitamente deixa escapar que conhecia outros mestres. É o caso do austríaco Axl Leskoschek (1889-1975), como escrito em dedicatória de xilogravura datada de 1987, ou mesmo da gravura datada de 1990, em cujo corpo o artista grava a palavra “Goeldi”, alusão direta ao gravador carioca Oswaldo Goeldi (1895-1961), o que nos leva a crer que Messias não se ensimesmava, pelo contrário, estava atento ao que se fazia à sua volta e conhecia o trabalho de outros gravadores.

Sabemos que a tiragem de uma gravura determina o quão amplo pode ser seu conjunto e a qual alcance ela chegará na futura aquisição de museus e coleções particulares. Permite também saber se a reunião de uma obra impressa pode ser considerada rara ou não. No caso de Messias, podemos dizer, sem sombra de dúvida, que sim. Percebe-se nesse quesito uma significativa maioria de xilogravuras com tiragem baixa, que vai de 1 a não mais do que 30 cópias. Na reunião de obras analisadas (coleções Gutman e Kornis), temos apenas duas honrosas exceções. A primeira delas é “Casa inabitável — século dezesseis”, com uma tiragem de 1.000 peças, datada de 1982. E a segunda, com tiragem menor (100 peças), intitula-se “The is outpour is blood

water” e é datada de 1983. Isso nos leva a supor que, por questões financeiras graves na compra de material ou mesmo pela dificuldade de escoamento da produção no mercado brasileiro, o artista tenha optado por uma tiragem muito reduzida; outra hipótese, menos provável, seria mesmo por vontade própria, o que não se justifica, uma vez que os artistas precisam vender sua produção. E Manuel Messias precisava mais do que nunca, devido às dificuldades que passou para sobreviver de sua arte.

O artista possui também a presença incontestável do necessário respiro em seus trabalhos: sua obra gráfica é limpa, sem exageros. O que se percebe é que todos os elementos estão em seu devido lugar, compondo algo que vai além da mera obra plástica de qualidade. O poder de persuasão de suas obras é altíssimo e — por que não afirmar? — emocionante. Certamente, não deixam a desejar; pelo contrário, são dignas das melhores críticas, mesmo ainda carecendo de quem se debruce com profundidade sobre elas e sobre a vida do artista.

Dizemos isso porque não encontramos onde nos agarrar no que concerne a um variado conjunto de textos críticos. O que de fato ocorreu foi que no Rio de Janeiro, em meados de 1980, algumas matérias de jornal o apontaram como um tremendo profissional, e nada além disso.

Manuel Messias aparece atualmente em exposições de gravuras coletivas. As individuais são raras, raríssimas, como é o caso da que aconteceu em outubro de 2011, nas dependências da Caixa Cultural, no Rio de Janeiro, quando foram expostos 72 importantes trabalhos de gravura e pintura. Nas coletivas sobre o tema gravura, sua obra está sempre em destaque; a qualidade salta aos olhos e parece convidar: aproxime-se um pouco mais, pois mereço toda a sua atenção.

Um detalhe que se observa, em uma análise mais precisa de suas obras, são os títulos dados por Messias a grande parte de suas gravuras: medo, fome, morte, tortura, o que mostra que o gravador não via a vida como algo fácil. Ele não protagonizou, como deixa claro sua reduzida biografia, uma existência das mais tranquilas: passou por muitas dificuldades para viver e produzir suas obras, foi ajudado por personalidades e instituições, terminando seus dias na rua e com problemas mentais. A dura realidade de um artista com enormes limitações financeiras, mas detentor de uma riquíssima obra, mostra-nos que ainda precisamos conhecer melhor nossos mestres e principalmente a sua produção. A positiva surpresa que a obra de Manuel Messias nos causa

nada mais é do que a verdadeira comprovação de um talento pouco aproveitado em sua época e que paulatinamente, quando for mais bem estudado, sairá de coleções particulares e museus e ganhará o honroso voto de louvor que bem merece dentro da recente história da gravura brasileira.

*Manuel Messias dos Santos — Cronologia de sua vida e obra**

1945 — Manuel Messias dos Santos nasce no dia 25 de outubro, em Aracaju, Sergipe, filho único de Maria Francisca dos Santos e José Bonfim dos Santos.

1949 — Na companhia da avó e da tia, viaja para Salvador, Bahia.

1952 — Segue para o Rio de Janeiro, com a avó e a tia. Estuda na Escola Municipal Luiz Delfino, no bairro da Gávea, no Rio de Janeiro. A tia passa a trabalhar na casa de Leonídio Ribeiro, diretor do Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro.

1961 — Estuda com Abelardo Zaluar no Museu Nacional de Belas Artes.

1962 — Estuda com Ivan Serpa no MAM.

1963 — Frequenta a casa-ateliê de Ivan Serpa na rua Juruviara, no bairro do Meier.

1964 — Participa da exposição “Desenho e gravura”, na Galeria do Instituto Brasil Estados Unidos (Ibeu), no Rio de Janeiro.

1965 — Participa do 14º Salão Nacional de Arte Moderna. Integra a exposição “Três aspectos contemporâneos da gravura brasileira”, que circulou por Bogotá, Quito, Lima e entre as cidades do Panamá, San Domingos.

1966 — Envia trabalhos para o Festival Wagner, em Bayreuth, na Alemanha, onde recebe menção aquisitiva.

1968 — Realiza sua primeira exposição individual, na Galeria Fátima Arquitetura de Interiores, no Rio de Janeiro. Participa do 17º Salão Nacional de Arte Moderna e do II Salão Esso de Artistas Jovens.

1969 — Conquista o Prêmio “Condessa Pereira Carneiro”, do I Salão de Verão do Jornal do Brasil, realizado no MAM. Expõe na coletiva “Arte do Aterro: um mês de arte pública”, evento organizado pelo crítico Frederico Moraes, no MAM.

1970 — É convidado por Emily Pirmez para expor seus trabalhos em Londres. Participa do II Salão de Verão do Jornal do Brasil, no MAM.

1974 — Participa da exposição “Goeldi, Grassmann e Messias”, na Bolsa de Arte do Rio de Janeiro.

1975 — Integra a exposição na Petite Galerie, no Rio de Janeiro.

1978 — Conclui o Primeiro Grau na Escola Estadual de Ensino Supletivo Frederico Eyer, na Cidade de Deus, no Rio de Janeiro. Participa do Salão Nacional de Artes Plásticas.

1980 — Recebe as seguintes premiações: Prêmio Aquisição na II Bienal Ibero-Americana do México; III Prêmio da Mostra Anual de Gravura de Curitiba e Prêmio de Viagem ao Exterior, no III Salão Nacional de Artes Plásticas, no Rio de Janeiro. Segundo o artista, o prêmio do III Salão Nacional de Artes Plásticas foi revertido para a compra de material de trabalho. Realiza exposições individuais na Galeria Funarte Macunaíma e na Galeria de Arte do Centro Cultural Candido Mendes, ambas no Rio de Janeiro. Participa da mostra “Artistas premiados do 3º Salão Nacional de Artes Plásticas”, itinerante pelo Museu de Arte de São Paulo; Museu de Arte do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre; Galeria Massangana, em Recife; Solar do Unhão, em Salvador; Galeria Oswaldo Goeldi, em Brasília; e Fundação Palácio das Artes, em Belo Horizonte. Participa da “Mostra Anual de Gravura Cidade de Curitiba”, na Casa da Gravura Solar do Barão, em Curitiba.

1982 — Apresenta exposição individual na Galeria do Instituto Brasil Estados Unidos (Ibeu), no Rio de Janeiro.

1983 — Participa do Salão Nacional de Artes Plásticas, no MAM, no Rio de Janeiro.

1984 — Integra a mostra “Xilogravura na história da arte brasileira”, na Galeria Sérgio Milliet, Funarte, no Rio de Janeiro, e na Casa Romário Martins, em Curitiba.

1985 — Faz exposição individual na Galeria de Arte do Centro Cultural Candido Mendes, no Rio de Janeiro.

1986 — Participa da Mostra “Depoimento de uma Geração: 1969-70”, Galeria de Arte Banerj, no Rio de Janeiro.

1989 — Integra “Gravura Brasileira: 4 temas”, Escola de Artes Visuais Parque Lage, no Rio de Janeiro.

1990 — Passa a morar nas ruas do Rio de Janeiro, acompanhado de sua mãe, e nos anos seguintes intercala sua moradia na rua com modestos quartos de hotel. Herbert de Souza (Betinho) inicia a campanha SOS Messias.

1992 — Participa da mostra “Diferenças”, no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro; e da “Mostra da gravura cidade de Curitiba/Mostra América”, no Museu da Gravura.

1993 — Integra a Gincana de Arte, no Centro Cultural Laurinda Santos Lobo, no Rio de Janeiro. Passa a receber

auxílio financeiro do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), instituição criada por Betinho.

1994 — Reside com a mãe, a partir de dezembro, no Hotel Passeio, no Centro do Rio de Janeiro.

1995 — Recebe, em março, o diagnóstico de “Transtorno Delirante Persistente Não Especificado” e laudo psiquiátrico assinado pelo Dr. P.G. Delgado. Com o fechamento do Hotel Passeio, passa a morar na rua com a mãe, tendo como base uma calçada na rua Dias de Barros, no Bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro. No dia 21 de novembro, é internado, junto com a mãe, no Instituto Dr. Philippe Pinel. Seus trabalhos integram o I Salão Nacional Zumbi dos Palmares, no MAM, no Rio de Janeiro.

1996 — Recebe, em janeiro, doação financeira para alimentação e ajuda de custo da Associação Casa do Artista Plástico Afro-Brasileiro. Em março, mora com a mãe no Turístico Hotel, na ladeira da Glória. Recebe o Benefício Amparo Assistencial do Instituto Nacional de Seguridade Social na condição de “portador de deficiência”. Em outubro, passa a ser atendido, em regime ambulatorial, pelo Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Ipub), pela Dra. Maria Tavares Cavalcanti. Morre sua mãe.

1997 — Deixa de receber o apoio do Ibase.

1998 — Passa a residir, no final do ano, no Lar Abrigado, no bairro de Botafogo, administrado pelo Instituto Philippe Pinel.

1999 — Seus trabalhos integram a Mostra Rio Gravura, no módulo “Gravura moderna brasileira”, no Museu Nacional de Belas Artes. Presta depoimento à TV Pinel, no mês de maio. Em junho, prontuário contém o último registro de consulta ambulatorial no Ipub.

2001 — Morre no dia 19 de maio, na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, no Rio de Janeiro, em função de complicações pulmonares e cardíacas decorrentes de asma brônquica. É sepultado no Cemitério São João Batista, na mesma cidade.

* Baseada em cronologia pertencente ao catálogo “Manuel Messias nas Coleções Gutman e Kornis”, mostra apresentada na Caixa Cultural Rio de Janeiro — Galeria 2, de 7 de setembro a 30 de outubro de 2011.

Ruth e Eu

Ives Gandra da Silva Martins

Não gosto de falar, eu mal me sinto,
Mas bem de mente, bem de coração,
Sobrevivo por força de um instinto
Que se nega a arrastar-se pelo chão.

Meu Deus, minha família, minha amada
Dão apoio, que sempre necessito.
Eu desço bem sereno a estreita escada,
Que tem no fim da vida o próprio rito.

Outro dia, com Ruth, recordamos
Nosso amor, nossa luta, nossa vida,
Nossos filhos e netos são os ramos
Que deixaremos quando da partida.

No momento, porém, o que nos resta
E que importa é viver, como se em festa.

Paulo Leonel Gomes Vergolino
Crítico de arte

Coluna do livro



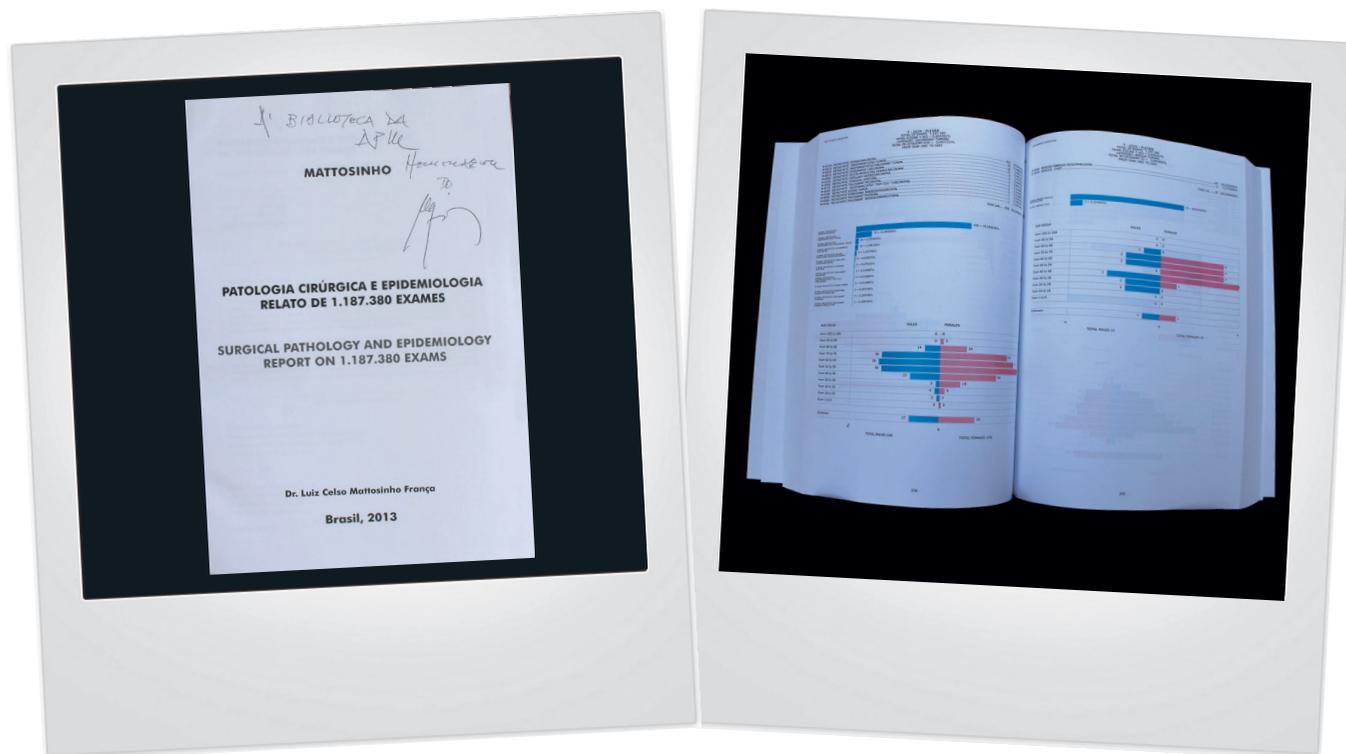
Cefalogia Fisonomica

Obra de Cornelio Ghirardelli, Bolonha, edição de Clemente Ferroni, com colofão indicando o ano de 1.630; 430 páginas, várias ilustrações, capa original em pleno couro, com *ex-libris* da Biblioteca do Barão Hyacinthi Theodori, decano da antiga Faculdade de Medicina de Paris. Essa espetacular obra é a primeira de uma doutrina chamada *frenologia*, que teve o seu auge no século XVIII, com Jean Gaspar Lavater (1741-1801) e Franz Josef Gall (1758-1828). A doutrina foi aprimorada na virada do século XIX para o XX, por Cesare Lombroso, em sua importante obra de psiquiatria forense criminal.

A frenologia entende que, por meio da configuração da cabeça, pode-se reconhecer certas faculdades psíquicas,

entre as quais as intelectivas e as morais, permitindo, portanto, diagnosticar indivíduos. Escrito em italiano, o miolo do livro é composto de dez capítulos, que tratam dos cabelos (crespos, duros, raros etc.); da fronte (grande, pequena, quadrada etc.); do supercílio (curvo, contínuo, vizinho do nariz etc.); dos olhos (pequenos, sanguinolentos etc.); e dos tipos de nariz, de boca, de queixo, de orelha, de face e do formato do crânio.

Obra raríssima, foi doada pelo ilustre mestre da psiquiatria Spartaco Vizzotto, em outubro de 2005. Vizzotto morreu neste ano, com 103 anos, trabalhando e lúcido até o fim.



Patologia Cirúrgica e Epidemiologia

Luiz Celso Mattosinho França acaba de lançar importante obra. Trata-se de livro único no mundo, contendo estudo de um milhão, cento e oitenta e sete mil, trezentos e oitenta laudos, lâminas microscópicas e blocos de parafina examinados ao longo de sua profícua vida de patologista.

Mattosinho é formado pela Casa de Arnaldo, turma de 1954, passou vários anos nos Estados Unidos especializando-se em Patologia e, de 1961 até 2001, foi dono do Laboratório Mattosinho de Patologia, um dos principais institutos do gênero no Brasil. Presidiu a Academia de Medicina de São Paulo (1999-2000) e, hoje, Membro Emérito muito atuante, ocupa a cadeira 4.

A obra é bilíngue, tem 659 páginas e inúmeros gráficos. Recém-publicada, já é um clássico que os mestrandos e doutorandos em Medicina têm para consultar com provei-

to, pois trata de ramo sumamente importante para todas as especialidades médicas, a Patologia, na qual mora a verdade do diagnóstico. São mil, duzentas e sessenta e sete doenças, oitenta e três etiologias e cinquenta e três funções, criteriosamente catalogadas e calculadas em porcentagem de incidência por faixa etária, de um a cento e nove anos, um diagnóstico por caso, sem superposição.

A edição é do Autor, com tiragem de 500 exemplares, e pode ser consultada na Biblioteca da APM, que a tem no acervo. No site, o endereço é <www.mattosinopath.com>.

Parabéns, Mattosinho, o seu trabalho de vida aí está para todo o sempre.

Guido Arturo Palomba
Diretor Cultural da APM

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Carlos Alberto Monte Gobbo

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany (curador, *in memoriam*), Nílceo Schwery Michalany (vice-curador)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.